



JULIA SANDERSON, distinta atriz americana

Ilustração

2.^a série—N.º 470

Lisboa, 22 de Fevereiro de 1915

Redação, administração, oficinas de composição e impressão: RUA DO SÉCULO, 43

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Portuguesa

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA

Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.

Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

ASSINATURAS PARA PORTUGAL, COLÓNIAS

PORTUGUEZAS E HESPAÑA:

Trimestre..... 1\$20 ctv.
Semestre..... 2\$40
Ano..... 4\$80

Numero avulso, 10 centavos

Agência da ILUSTRACÃO PORTUGUEZA em Paris, Ruee des Capucines, 8

Trabalhos
tipograficos
em todos
os generos

OFICINAS DA

"ILUSTRAÇÃO
PORTUGUEZA"
 R. do Seculo, 43

REMEDIO FRANCÊS

XAROPE FAMEL

CURA
 INFALIVELMENTE
 BRONCHITES
 Mesmo Chronicas

TOSSES
 ASTHMA

FRASCO 1 ESCUDO

Em todas as farmacias ou no deposito geral
 J. DELICANT, 15, rua dos Sapateiros, Lisboa
 Franco de porte compranda 2 frascos.

Perfumaria
Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
 TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Gizella

O MELHOR SABONETE

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
 AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

SCENSOR



A' VENDA

Almanaque Ilustrado
d'O SEculo

PARA 1915

A' VENDA



PARA ENCADERNAR A

"Ilustração Portuguesa"

Já estão á venda as capas em percaline de fantasia para encadernar o **SEGUNDO SEMESTRE** de 1914, da *Ilustração Portuguesa*.

PREÇO: 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia póde ser remediada em vale do correio ou ordens postaes. Cada capa vai acompanhada do indice e frontispicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO «SEculo»

Rua do Seculo, 43—LISBOA

O Seculo Agricola

SEMANARIO ILUSTRADO de ensino pratico de agricultura, jardinagem, criação de animaes, etc.

PREÇO 20 REIS CADA NUMERO

Resposta a consultas; prestação de serviços tecnicos: analyses e informações.

POR ASSINATURA: Trimestre. 25 centavos

A MAIS BARATA PUBLICAÇÃO DO GENERO

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 470

22-2-1915

Cinzas

Desde quarta-feira que a Igreja nos ensina o versículo eterno do *Ecclesiastes*: «memento homo quia pulvis es». Faz-se, por toda a parte, a liturgia das Cinzas. A humanidade católica é convidada a bater nos peitos e a pensar, sisudamente, na certeza desagradável de que é pó, e na promessa, mais desagradável ainda, de que em pó se ha de tornar. E entretanto, no momento internacional que atravessamos, a recomendação da Igreja



parece-me perfeitamente escusada. Para penitência, não é o *Ecclesiastes* que nós devemos ler; são os telegramas da Reuter e da Havas. Por toda a parte, da Flandres á Polonia, dos Vosges ao Caucaso,—cinzas de cidades, cinzas de povos, cinzas de exercitos, cinzas de ambições. O «memento homo»,—para quê? Os europeus de 1915 não podem ser mais rigorosamente católicos: lembram-se muito bem de que são pó, e estão recorrendo a todos os meios necessarios para converter em pó o seu semelhante.

Bilhete a Hauptman

Li, meu presado camarada, o seu admiravel artigo em defeza da cultura alemã. Permita-me que n'esta rápida crónica de um inculato latino, dois alemães de génio lhe respondam: Goethe e Nietzsche. Disse Goethe, n'uma das suas conversas com Eckermann: «Hão de passar ainda tres seculos antes que a Alemanha seja impregnada d'aquelle espirito de civilização superior que exclue toda a barbárie». afirmou Nietzsche: «Tenho leitores em toda a parte, em Viena, em Copenhague, em Stokolmo, em Paris, em S. Petersburgo: não os tenho no paiz mais barbaro da Europa,—a Alemanha». Conclue o grande filosofo da *Genealogia da Moral*: «Os alemães tem sobre a sua consciencia todos os grandes crimes contra a cultura que se praticaram nos quatro últimos séculos»



(*Ecce Homo*, pag. 152 e 153, edição do *Mercur de France*). Que diriam Goethe e Nietzsche,

se tivessem vivido o tempo necessário para ver arrasar Reims, incendiar Louvain e considerar tratados internacionaes como papeis inuteis?

António Nobre

Coimbra vai honrar a memória do mais coimbrão de todos os poetas: Antonio Nobre. Semelhante homenagem, partindo de elementos da novissima geração, tem um significado que não é licito desconhecer. Nobre não foi apenas o autor d'um dos mais belos poemas que tem produzido a alma lirica moderna: é a figura que mais profundamente incarnou a grande tristeza nacional, expressão resignada e dolorosa de todas as fadigas da raça. Nenhum livro foi tão fortemente sentido pela mocidade portugueza, como o *Só*. Nenhum livro foi, por conseguinte, tão comovidamente amado. E porquê? Porque nos seus desalentos profundos, nas suas renunciias doentias, nas suas agonias formidáveis, estamos todos nós. São os nossos estigmas. E' o nosso retrato. A minha geração reconheceu-se, inteira, nas páginas confrangedoras d'esses *Luziadas* da decadencia. A geração novissima parece—ai d'ela e de nós!—reconhecer-se tambem.



Painéis de S. Vicente

Os «Amigos do Museu» acabam de publicar, n'uma lindissima edição, a bela conferencia de Afonso Lopes Vieira acerca da «Poesia nos painéis de S. Vicente». Ao ler-a e ao reviver a nobre emoção d'arte que produziu em mim o políptico de Nuno Gonçalves, recordei as vicissitudes por que passou, até á sua definitiva restituição, essa obra prima da primitiva pintura portugueza. Na historia das táboas de S. Vicente ha dois factos verdadeiramente admiráveis: a forte intuição com que o dr. José de Figueiredo e Luciano Freire revelaram ao paiz a existência da maior joia da sua pintura, e a gigantesca e surpreendente ignorancia com que gerações sucessivas passaram por essa joia sem a suspeitar. O primeiro facto podia ter-se dado, indiferentemente, em qualquer paiz culto. O segundo não se poderia ter dado senão em Portugal.



JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



Para o tenente Guy não era fácil esquecer o dia assinalado do mez de agosto em que, subindo, apressado e ofegante, aos aposentos de Clarita, lhe dera, comovido, a triste noticia. D'um extremo ao outro da povoação já tinha circulado o rastilho do patriotismo e ela, ao ouvir que se desencadeára a guerra e que o namorado faria, d'aí a pouco, misteriosa jornada no cumprimento do dever, tombára no canapé de verga, arrumado entre um guarda-fato e a maquina de costura, e, durante uns minutos, deixára que as lagrimas lhe encharcassem as faces, rolando silenciosas e abundantes. Depois, um longo abraço e um beijo interminavel haviam secado a torrente de amargura e, ao esgotarem os protestos solenes e honestos d'um amor sem fim — o amor que resistiria a todas as provas e á maior ausencia — o dialogo de despedida tinha fechoado com este juramento banal:

— Então... até á morte?

— Até á morte!

O tenente Guy, n'um sorriso, ainda fingira duvidar e, com gestos de aparente incredulidade, mostráralhe o horror da vida que se extingue — tentando amedrontal-a com a descrição tenebrosa do cadaver atacado pelos vermes e a esfarelar-se sob a terra pesada, humida e fria — mas, as suas palavras, esbarrando n'uma attitude firme e n'um peito solido, tinham caído no ambiente sem a mais leve resonancia e ela, tranquila e formal, insistira, acompanhando-o á rua:

— Juro-te... até á morte!

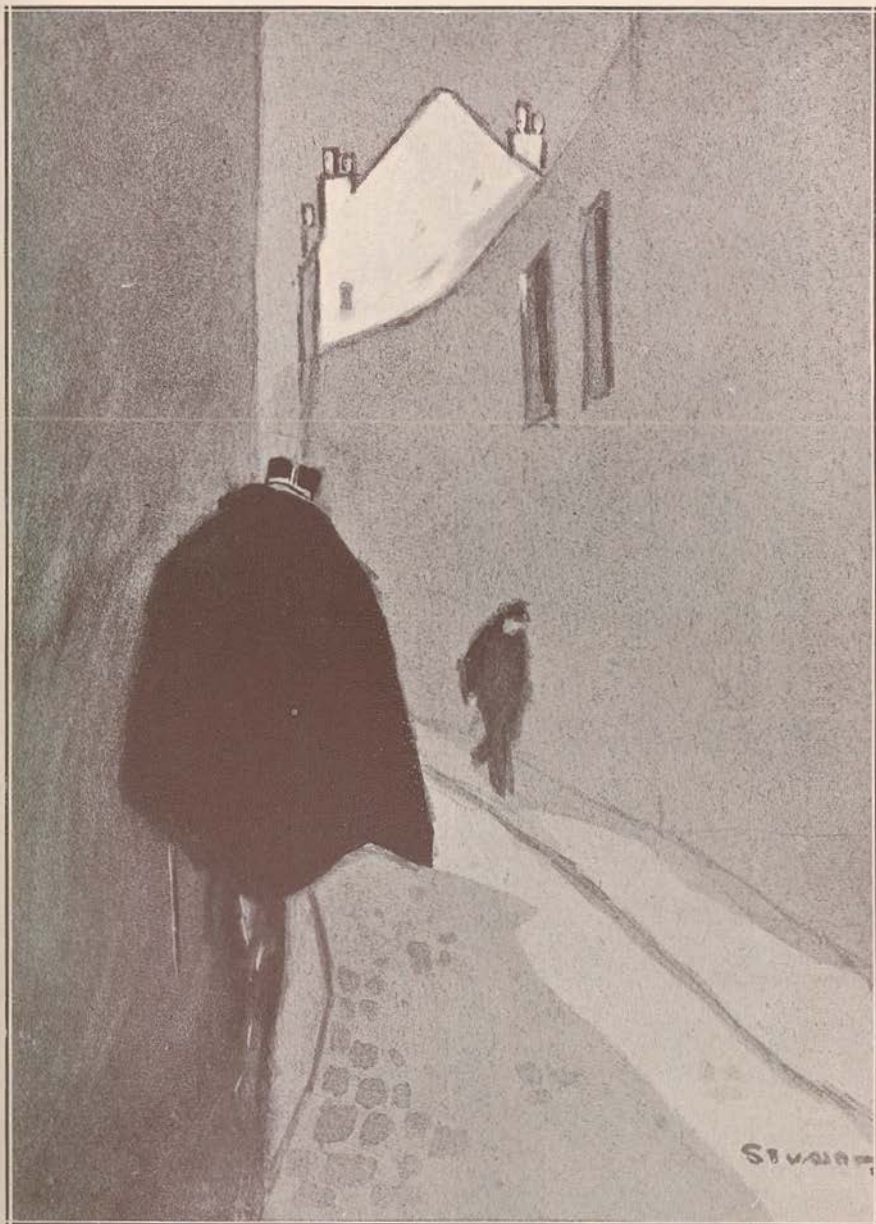
Na estação do caminho de ferro, ao pedir-lhe, fazendo boquinhas, que á volta trouxesse um capacete de uhland, ratificára, de novo, o compromisso de eterna fidelidade, e ele acreditára-o piamente porque, até esse dia e n'alguns mezes doces e calmos, d'um idilio côr de rosa, as afirmações constantes e ardentes haviam titilado aos seus ouvidos ingenuos como um carrilhão festivo e sonoro, embrulhando-o, ao mesmo tempo, n'um

veu de felicidade, subjugando-o, por completo, á radiante beleza de Clarita.

O docel-abrigo da paixão comum fóra, desde o começo, as galas da natureza; e o canto das aves e o perfume das flôres, embriagando as duas almas, infiltrando-lhes a voluptuosa moleza d'um arroubamento místico, tinham autenticado e legitimado esse amor, nascido — como tantos — de suggestiva mirada, á luz do crepusculo, n'um encontro de acaso. Um e outro bebiam-se os ares, adivinhavam-se os pensamentos, e o accordo mutuo, nos projetos de futuro, possuía a nitidez d'uma superficie polida — era como a agua do lago adormecido ao palido clarão da lua... Evidentemente, o amor tinha-os manietado e obrigára-os a uma uniformidade de sentimentos que nenhum esforço humano deveria interromper.

Quantas vezes — vezes sem conta! — cego do fumo espesso dos combates, aturdido pelo fragor da metralha e cambaleante de fadiga e privações, o tenente Guy não fóra buscar á recordação preciosa da bem amada — que, longe, muito longe, certamente, lhe espiava todos os movimentos — a energia necessaria para vencer o desanimo e manter, até final da refrega, uma coraagem pun-donorosa e comunicativa! E, nas horas do perigo, quando ele, emboscado na trincheira, sofria o enervamento dos seus soldados vendo cair, aqui e além, os engenhos mortiferos que o inimigo despedia com assombrosa prodigalidade, ou, enovelado no turbilhão de uma carga á baioneta, tinha de pular, furioso e rouquejante, sobre os corpos ensanguentados dos que a luta prós-trára no terreno, ainda n'esses instantes de indizível tortura moral a imagem de Clarita, iluminada pelo amor, lhe havia aparecido sorridente, gentil e graciosa, a quebrar, n'uma revoada de ternura e de beijos, a cadeia de angustias que, sensivelmente, o oprimia.

E agora que cinco dias de licença e de repouso lhe consentiam o tornar a vê-la e palpitar-lhe a comoção — o coronel do regimento premiára-o assim dos largos mezes de heroismo e tenacidade — lesto e airoso ele se dirigia á povoação teatro da sua ventura, onde o tumulto da guerra só chegava tenue e esbatido, n'um murmúrio vago de boatos e de queixumes. Pelo caminho, ia pensando na surpresa que faria a Clarita, surgindo-lhe de repente, na abertura da porta, os braços estendidos em muda sollicitação de um amplexo, risonho, satisfeito, afogando n'uma demorada carícia toda a sua ausencia tormentosa e erriçada de saudades. E os mais insignificantes pormeno-



res d'esse dia assinalado do mez de agosto, em que, apressado e ofegante, subira aos aposentos da namorada a dar-lhe, comovido, a triste noticia — a da misteriosa jornada no cumprimento do dever — povoavam-lhe o espirito de fugidias cintilações, alumando, a espaços, o altar de virgem

que o seu amor erguera, solícito, á radiosa beleza de Clarita.

Ao entrar na povoação, já a noite escura a tinha amortalhado. O tenente Guy, mergulhando

no silêncio das vielas estreitas e tapetadas de lama, sentiu calafrios. As raras sombras de transeuntes que recolhiam aos lares projetavam, nas paredes rugosas, manchas agridentes e de impressionante mobilidade. Escodido n'um portal, o eterno cão vadio ladrava, melancólico. As luzes morticórias dos candieiros tremiam com a aragem fria, de inverno.

Defronte da casa da namorada, o tenente olhou para as janelas; n'uma, havia forte claridade. Era ela, talvez, que fazia serão, ou, debruçada n'uma folha de papel, lhe escrevia uma carta cheia de boas palavras de conforto—a carta que ele, nos últimos três meses, esperara, inutilmente, ver chegar.

Resoluto, alvoroçado, bateu. A Izabel, criada nova que ele não conhecia, abriu logo e, ao fitá-lo, teve uma careta de espanto, recuou uns passos e titubeou:

—Dá-me licença... vou prevenir a senhora.

—E' inútil...

E galgando os degraus soffrego, pressuroso, foi direito á sala de jantar. Clarita, de pé, vestida requintadamente como para uma cerimonia, estendia sobre a meza uma toalha alvíssima. Guy nem se demorou a fixar-lhe os vincos do rosto e n'eles descobrir o efeito da surpresa. Tomou-lhe delicadamente a cabeça, imprimiu um beijo na frente e a sorrir, inebriado e feliz, perguntou, carinhoso, se ela adivinhára, em pancadinhas do coração, o seu regresso da frente de batalha.

—Sim, sim... tive um palpito.

O tenente continuou a beijal-a e, travando-lhe dos braços, sacudiu-a com brandura. Clarita, dócil, abandonada, quasi inerte, apenas respondia a essa exaltação com escassos monossilabos. Ele, n'um fusilar de interrogações, quiz saber o que se passara durante a sua ausencia, e a consolar-se e a saciar-se borboleteando a vista pelas paredes, os moveis, os cabelos e os olhos da namorada, indagou, prescruou, bebeu á farta a plena satisfação de viver e de amar. E como ela, mais por curiosidade feminina do que por interesse pessoal, inquirisse das coisas da guerra, o tenente Guy falou-lhe rapidamente dos enormes sacrificios a que os soldados se devotavam para conter o inimigo em respeito. A famosa batalha do Marne, descreveu-a em traços pitorescos, de modo que ela apreendesse facilmente e em resumo como fôra essa grande manobra do general em chefe, oposta, com exito, á pressão de ferro e brutal do alemão von Kluck. Depois, vieram á baila as noites geladas nos entrenchinamentos, cheios de agua e de pólvora, a pesarosa narrativa dos morticínios em ataques e contra-ataques sucessivos e, em meio do caloroso monologo, o tenente, fatigado e arfando, escorregou

sobre uma cadeira. Clarita permaneceu imóvel, a escutal-o.

—Falemos de nós—disse ele.

E seguiram-se então longos minutos em que o namorado exauriu torrencialmente e em extase, o vocabulario do amor. Receioso de que as suas palavras a não impressionassem n'um golpe indelevel, procurou falar-lhe com o coração nas mãos, espremendo-se em sinceridade, tressuando franqueza, abnegação, desinteresse. Dos seus labios trementes borbulharam frases ritmadas, vigorosas, expelidas em tonalidade que não admitia replica. Os olhos de Clarita, esses olhos que, alternadamente, faiscavam desejo e distilavam candura, seguiam, atentos, os movimentos de Guy, acompanhando-os, absorvendo-os. Houve um instante em que pareceu que o desfecho da entrevista seria violento e de egoística paixão. A força misteriosa que, mezes antes, os aproximára n'esse encontro de acaso, á luz crepuscular, revelava-se agora mais intensa e de irresistivel tirania. O tenente erguera meio corpo na cadeira e apertando os dedos de Clarita nos seus punhos robustos, continuava a soprar-lhe, cadenciadas, as afirmações de um amor incomparavel, mesclando-as de sorrisos ternos, de suspiros discretamente ciciados. Nada lhe interrompia o caudal de volutuosa eloquencia. Esquecera tudo, alheára-se de tudo. E tão embebido no esforço congestionante de fascinar a mulher que o escutava, de aquecel-a na chama ardente do peito, que não deu logo por que a Izabel, a creada nova, assomando á porta, anunciava a Clarita a presença de uma visita:

—Minha senhora...

—Que é?

—«Aqueila pessoa» que lhe deseja falar...

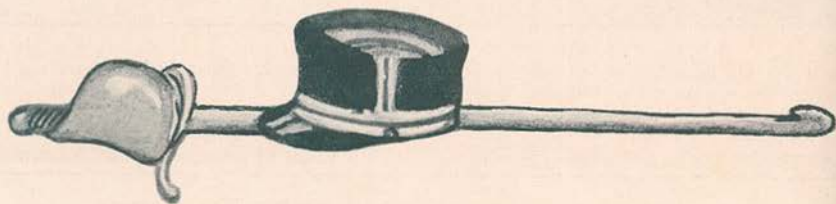
Clarita lançou á creada um gesto de irritação, e a Izabel, afetando cumplicidade, retorquiu escarminha:

—Quer que lhe diga que volte mais tarde?

O tenente compreendeu, sobressaltou-se e fixou as duas mulheres. Um silencio tragico, acusador, pesava sobre ambas. Nas faces rubras de Clarita ainda fulgiu um relampago de revolta e de arrependimento, a boca abriu-se-lhe para uma confissão, mas o tenente não quiz ouvi-la. Saiu de casa a arrastar-se, vergando as pernas como um bebado e, ao romper do dia seguinte, lá estava outra vez na linha de fogo.

¶ E contam os camaradas que, desde então, o namorado traído se oferece, diariamente, á fúria e ás balas do inimigo. Dá a toda a gente a impressão de querer suicidar-se...

JORGE DE ABREU.



O CARNAVAL



Um grupo de crianças em costumes

Foi o que dissemos. Se o povo sentisse vontade de se divertir, divertir-se-ia sem se importar com pregações de tristeza mais do que se tem importado com editaes da autoridade.

E não se divertiu, pelo menos nas ruas, apesar de ter tido dois dias excelentes de sol, principalmente o de terça-feira. Poucas mascaras e essas mesmas insulsas, desalinhasadas, pobres. Lá se via passar uma ou outra mais garbada, mais ta-



Outro grupo de crianças em costumes



Crianças que concorreram aos premios do baile infantil no Eden-Teatro
(«Clichés» Benoliel).

ful, a caminho dos teatros e dos clubs, mas essas mesmas parecia que não andavam á vontade; nada tinham da desenvoltura usual d'estes dias; pesava sobre elas a mesma atmosfera de preocupação, de mal estar, a cuja pressão visivelmente não escapavam as outras. Ruas, que n'outros anos tinham as calçadas cobertas de «confetti» e dos destroços de varios outros projeteis, viam-se este ano tal qual as havia deixando a semana passada a vasourada municipal. Quasi nada se jogou na rua. Nos teatros, animatografos e clubs é que se jogou razoavelmente; muito menos, porém, ainda do que o ano passado.

A concorrência a alguns teatros foi escassa, e aos bailes não foi maior, notando-se a falta de mascaras tipicas e de gosto. De espirito, nem vale a pena falar, por-

que ha muitos anos ninguem se cansa em notar essa falta, havendo até duvidas se alguma vez existiu entre nós essa graça leve, viva, delicada, que alveja bem sem maguar, que ri sem escarnecer, que faz ruborizar brandamente as faces sem as esaldar. Custa crêr que ela desaparecesse sem deixar vestigios; porque esses dichotes pesados, grosseiros, truanescos,

que por essas ruas e teatros se dispersaram á queima-roupa, sob mascara, mais parecem o produto genuino e característico de uma sociedade que nunca teve espirito, absolutamente nenhum, do que tristes degenerescencias de alguma que em tempo o houvesse tido. A nota mais interessante, mais simpatica, foi a que nos deram as creanças nos bailes, embora n'algumas se reflectisse desconsoladoramente a tristeza de tudo isto,



Creanças que obtiveram premios no baile infantil do Eden-Theatro



No baile infantil do Ateneu Comercial—(«Clichés» Benottel)



1. O menino Americo Marques.—2. As meninas Carmen, Esperança e Henriqueta : anz. que obtiveram o 2.º premio no baile infantil no Centro Hespanhol.—(Clichê» Vasques).—3. O menino Carlos Jesus.—4. Creanças que tomaram parte no baile infantil do Politeama.—5. A menina Maria da Conceição Vieira Correia.—6. A menina; Maria Tereza e o menino Luiz Fernandez Segarra, que obtiveram o 1.º premio no baile infantil do Centro Hespanhol.—(«Clichê» Fernandes).—7. e 8. Mais creanças que tomaram parte no baile infantil do Politeama.—(«Clichê» Benotiel).

EXPEDICIONARIOS PORTUGUEZES



1. Grupo de sargentos expedicionarios: Da esquerda para a direita: De pé, os srs. Gaivão, Silva, Gulla, Barbosa, Dart da Cunha, Salvador e Pinto; sentados, os srs. Carreirão, Borja, Quintino Barbosa, Casimiro Mendonça, Afonso Carvalho, Meiro e Galvão.
 2. Oficiais e enfermeiros da Cruz Vermelha que foram para Angola: Os srs. 1, dr. Maximo Brou, 2, dr. Artur Machado, 3, dr. Lourenço José Lucio Sore, 4, enfermeiro Gustavo dos Santos, 5, enfermeiro Ernesto Fonseca, 6, enfermeiro Jorge Pereira, 7, enfermeiro Antonio Gomes.
 3. Grupo de expedicionarios de infantaria 18 que partiram para Angola.

EM NAULILA

Uma carta e fotografias enviadas á *Ilustração Portuguesa*, com a data de 10 de dezembro do ano passado, do nosso posto militar de Naulila, não podiam deixar de nos despertar uma comoção e interesse profundos. Dois dias depois de nos serem expedidas, as forças alemãs atiravam traiçoeiramente

sobre as nossas patrulhas em serviço de vigilância ao sul d'aquello posto no vau de Calueque. N'esse mesmo dia, á noite, o esquadrão de dragões portugueses, ao atravessar o Cunene, no mesmo vau, foi recebido a tiro, havendo dois homens feridos e



O Posto de Naulila incendiado pelos alemães, vindo-se tambem os camelos que n'ele existiam.

dois cavalos mortos.

Chega o memoravel dia 18. Os alemães atravessam o denso mato de espinheiros e de capim alto, onde se conservavam de emboscada, desencadeiam-se em massa sobre as nossas forças dispersas, ao mesmo tempo que a sua artilharia abria um fogo terrivel varejando os campos, as cubatas, as casas

dos colonos e posto militar! Quasi tudo ficou arrazado e o fogo devorou esse posto! Do resultado da luta já se sabe o que mais nos importa, para nos evitar a sua repetição dolorosa.

Esta sucessão tumultuosa de acontecimentos con-



Mulheres da região encarregadas de pisar o milho para a alimentação das tropas da guarnição de Naulila



Mulota, braço do rio sem corrente

sagem do Cunene onde eles se emboscaram e começou o ataque contra as nossas tropas.

Se esses aspetos nos recordam algumas passagens desoladoras para os nossos briosos militares, em face de tão esmagada



Indígenas de Nauilla

trasta com a despreocupação da carta acima referida e com o aspeto docemente tranqüilo das fotografias que a acompanham. Quem nos escreveu foi o tenente sr. Adolfo Varejão Pires Balaya, bravo comandante da companhia indígena expedicionaria de Moçambique em operações no Sul d'Angola. Meia duzia de linhas apenas, prevenindo-nos da remessa dos «clichés» por ele proprio tirados d'uma região pouco conhecida e prometendo gentilmente outros mais que tencionava fazer.

Não recebemos, nem sabemos, mais noticias do obsequioso colaborador da *Ilustração Portuguesa*. Os seus «clichés» tem para nós o valor de preciosos documentos, porque n'eles ficam registadas muitas coisas, que desapareceram com a vandálica invasão alemã, e a pas-



Avestruz domesticado, existente no posto de Nauilla



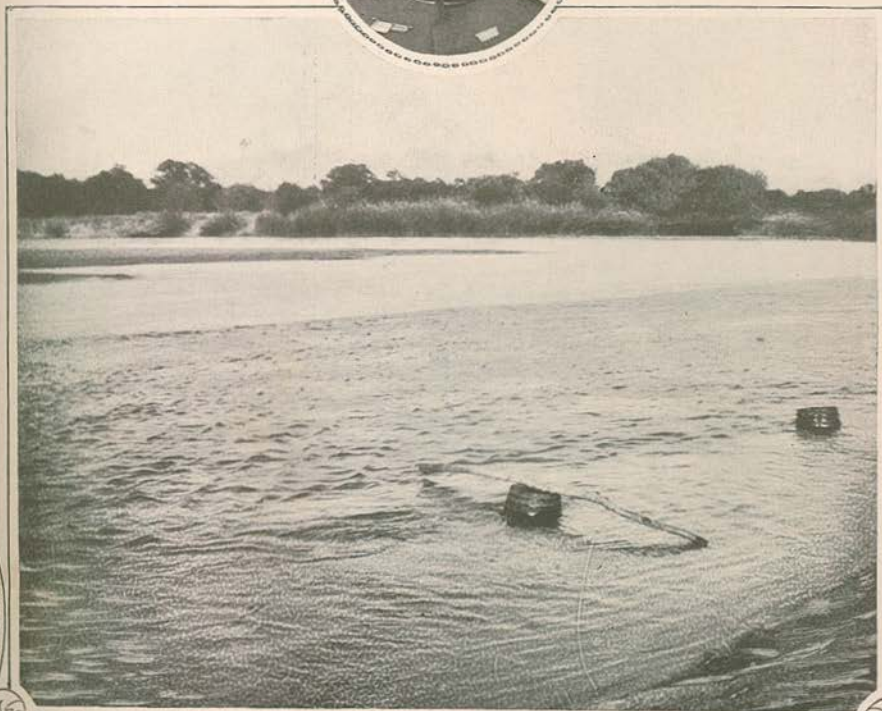
A casa de um estono

dor numero de adversarios, ha a compensal-as inauditos atos de bravura, praticados principalmente pelos dragões portuguezes do comando do tenente sr. Francisco



Uma macrobia da região

d'Aragão, que baqueou gloriosamente no seu posto, evitando que o nosso primeiro encontro importante com os alemães tivesse consequências mais desastradas.



3. O tenente sr. Adolfo Varejão Pires Balaya, comandante da companhia indígena de Mocimbiq, ao qual deve a Illustração Portugueza o obsequio de todos este «clichés».—4. O vau Cacueque, no rio Cunene, onde atravessaram as tropas alemãs, vendo-se ao fundo as matas e as hervas altas em que elas se dissimularam.

Monumento a Camões



A «maquette» do monumento ao nosso grande epico, que vae ser erigido n'uma das avenidas da grande capital franceza, e que o juri respectivo aprovou ha dias e classificou com o 1.º premio, é do sr. Antonio dos Anjos Teixeira, laureado aluno da Escola de Belas Artes de Lisboa e discipulo do illustre artista sr. Simões de Almeida.

A base do futuro monumento a Camões tem a configuração de uma lira, sobre a qual assenta uma ancora. No plano primario, destacando-se do bloco que constitue a coluna principal, encostado a uma rocha, vê-se a figura do poeta em attitude meditativa contemplando a amplidão do imenso mar.

No perfil esquerdo toma vulto a figura do «Adamastor», contorcendo-se perante o triunfo dos nautas portuguezes, cuja arrojada aventura do descobrimento do caminho para a India está simbolizada pela caravela que encima o monumento. No lado opposto, contornando uma torre que recorda a de Belem, vê-se um livro aberto, em cujas paginas serão inscricas algumas estrofes da nossa imortal epopeia.



A maquette que obteve o 1.º premio, do sr. Antonio dos Anjos Teixeira

O monumento mede onze metros e a figura de Camões dois metros e trinta centímetros.

Por indicação do juri a corôa do monumento deve sofrer uma alteração, que o seu autor, que é um distinto artista e foi pensionista do Estado em Paris, está já estudando.



A maquette que obteve o 2.º premio, do sr. Simões de Almeida, sobrinho

A maquette que obteve o 3.º premio, do sr. Diogo de Macedo



O juri—Da esquerda para a direita os srs. Ventura Terra, Veloso Salgado, Fernandes Vaz, Columbano Bordalo Pinheiro, Costa Couraça, Marques de Oliveira, dr. João Barreira, dr. José de Figueiredo e Marques da Silva — («Clíchés» Benoitel)

A revolta no Congo



Oficiais que fizeram parte da coluna do Congo: 1. Governador do distrito, 2. Capitão Genipro, chefe do estado maior da coluna. 3. Chefe dos serviços administrativos tenente Costa Alves, 4. Chefe dos serviços de saúde dr. Aires Lopes.

Quasi todos os sobas rebeldes do distrito do Con-

go se tem apresentado, arrependidos do seu ato, ao governador, o 1.º tenente sr. Jaime de Moraes, que os trata com as considerações que se devem ter para os vencidos. A gente aguerrida dos mesmos sobas também se tem submetido, prestando às nossas autoridades respeitosa homenagem.



O tenente Costa Alves chefe dos serviços administrativos assistindo á autopsia de um boi.

Tudo leva a crêr que, n'um prazo

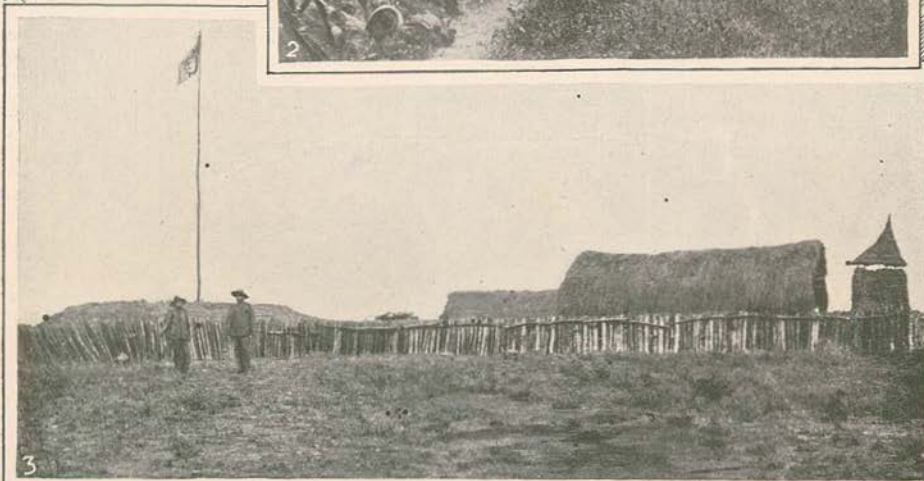
bem curto de tempo, tudo se ociege n'aquella nossa colônia, voltando-se ao trabalho que tão necessário se torna para o desenvolvimento das riquezas que n'ella ha a explorar.

Para a pacificação dos sobas em rebeldia contribuiu imenso a attitude tomada pelo sr. Jaime de Moraes, des-



1. Sargentos que fizeram parte da coluna.

cendeu áquele lugar, que não descurou nunca os interesses do Estado e concedeu ao gentio todas as prerogativas que estavam ao seu alcance. E foi assim que ele captou muitas simpatias no distrito que administra,



2. Bivuaque da coluna n'uma povoação, vendo-se o governador sr. Jaime de Moraes e o 1.º tenente sr. Crato, conferenciando com dois sobas Itets.—3. Um posto militar novo em construção.

simpatias que são igualmente para o nosso paiz que tão mal apreciado estava sendo pelos nossos governados gentilicos, entre

os quaes os nossos inimigos fermentaram a rebelião que, felizmente, está proximo a ser debelado.

O Velho Mundo em guerra

Por enquanto ainda não se viram obras que demonstrassem haverem os alemães posto em pratica o seu «novissimo» plano. *Taubes* e *Zeppelins* continuam a ser abatidos, como maçaricos n'uma lezíria sob o tiro de destro de velhos caçadores. Todos os que aparecem vão abaixo, ou fogem.

A famosa esquadra de submarinos até hoje, 17, não deu sinal de si, apesar de se ter atirado já aos quatro ventos a ameaça do bloqueio da Inglaterra feito por ela e auxiliado pela ação vigilante dos di-



jecto. Não é verdadeiramente a Inglaterra que eles pretendem intimidar, porque sabem por demais que ela se ri d'esse fantástico cordão de submarinos como se riu ha seculos da não menos fantastica armada do «Demonio do Meio Dia», mas é aos povos neutraes que tem conservado o seu commercio com a Inglaterra, sem o que já teriam experimentado horrosas perturbações economicas.

A Alemanha o que pretende é paralisar esse commercio pelo terror. Como nem um só navio seu se vê



1. Condução de um ferido austriaco por um dos seus compatriotas e por um soldado russo da Cruz Vermelha
2. Soldados de infantaria russa atravessando uma ribeira — «Cliches» Chusseau Flavtens)

rigíveis. Os alemães como gente sabedora das coisas da guerra, porque nunca deixaram de viver e de se preparar para ella, e conhecedora das condições de defeza de todos os paizes, porque não ha segredo que a sua espionagem não tenha devassado, reconhecem por demais a inanidade de tal pro-

por toda a superficie do oceano, quer que os outros tambem desapareçam, imaginando que a torpe causa do seu cezarismo lucrará alguma coisa com esse espantoso entorpecimento da vida imundial. Feroz egoismo o d'essa raça!

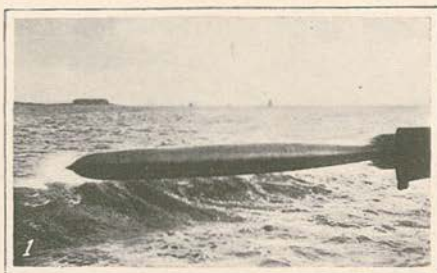
E, para que a ameaça possa ter mais visos



Aviação militar inglesa: A partida de um biplano em que se revela mais admiráveis condições da aviação moderna.—(Da The Sphere).

de realizavel, comecam a meter no fundo, contra os mais elementares preceitos do direito internacional e os ditames mais imperiosos da humanidade, todo o pobre e inofensivo barco da marinha mercante, que tem a sorte de passar ao alcance dos seus torpedos.

Com esses desgraçados é que os seus submarinos se estão agora a mostrar valentes. Perse-



Instantaneo do lançamento de um torpedo por um navio inglez

preza, o pirata ainda usava por vezes de uns vislumbres de cavalheirismo, de humanidade, poupando vidas, deixando mesmo aos seus prisioneiros com que manter-se e respeitando-os enquanto se negociavam os resgates.

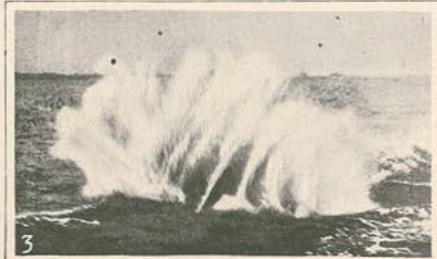
Os mares nunca deixaram de se atravessar, as nações não deixavam de fazer o seu commercio; nunca houve a paralisação do movimento com



A chegada a Inglaterra dos sobreviventes do cruzador alemão Blucher, metido a pique pelo cruzador inglez Lion («Cliché» Chusseau Flavien)

guem-nos, caçam-nos; metem-nos no fundo sem respeito pelas vidas, nem pela fazenda.

Não conhecemos nada de mais deshumano, nem de mais brutal. As proezas da velha pirataria ficam a perder de vista das sevicias do banditismo germanico. No ataque, no aprisionamento do navio, na arrecadação da



A explosão de um torpedo inglez

que os alemães nos ameaçam hoje. Sem comiseração, nem remorsos, vae tudo para o fundo. Que importam mesmo a eles mercadorias e bons refens? O seu fim é destruir, só destruir; porque, com efeito, o imperio universal, que eles tem a ambição louca de possuir, só se pôde exercer sobre ruinas.



Uma bateria de artilharia francesa em Soissons retrando-se para tomar novas posições.—(De Illustrated London News).

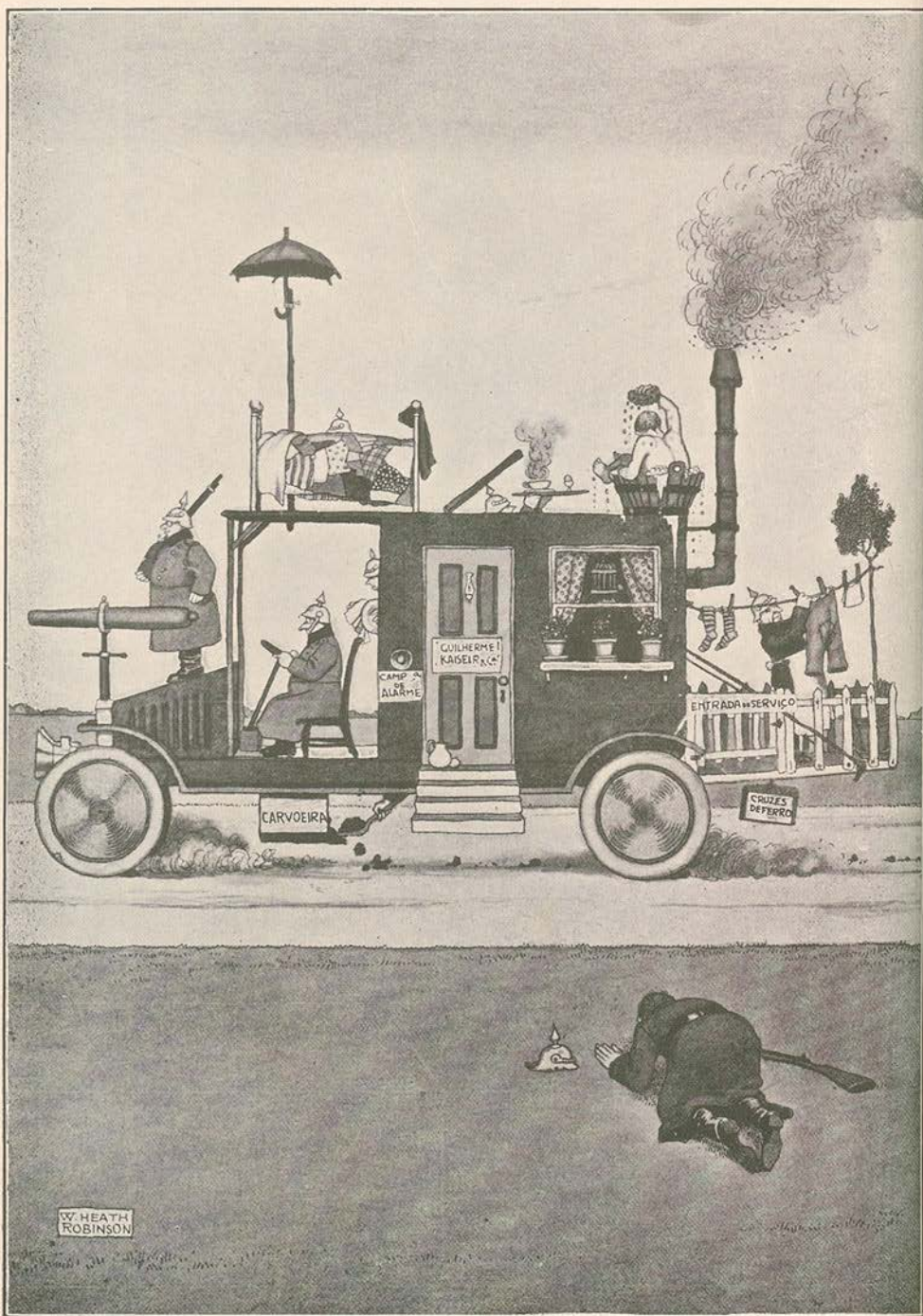


1. Um almoço de soldados franceses na linha de fogo.
2. Soldados franceses que voltam da linha de fogo às trincheiras para descansar.



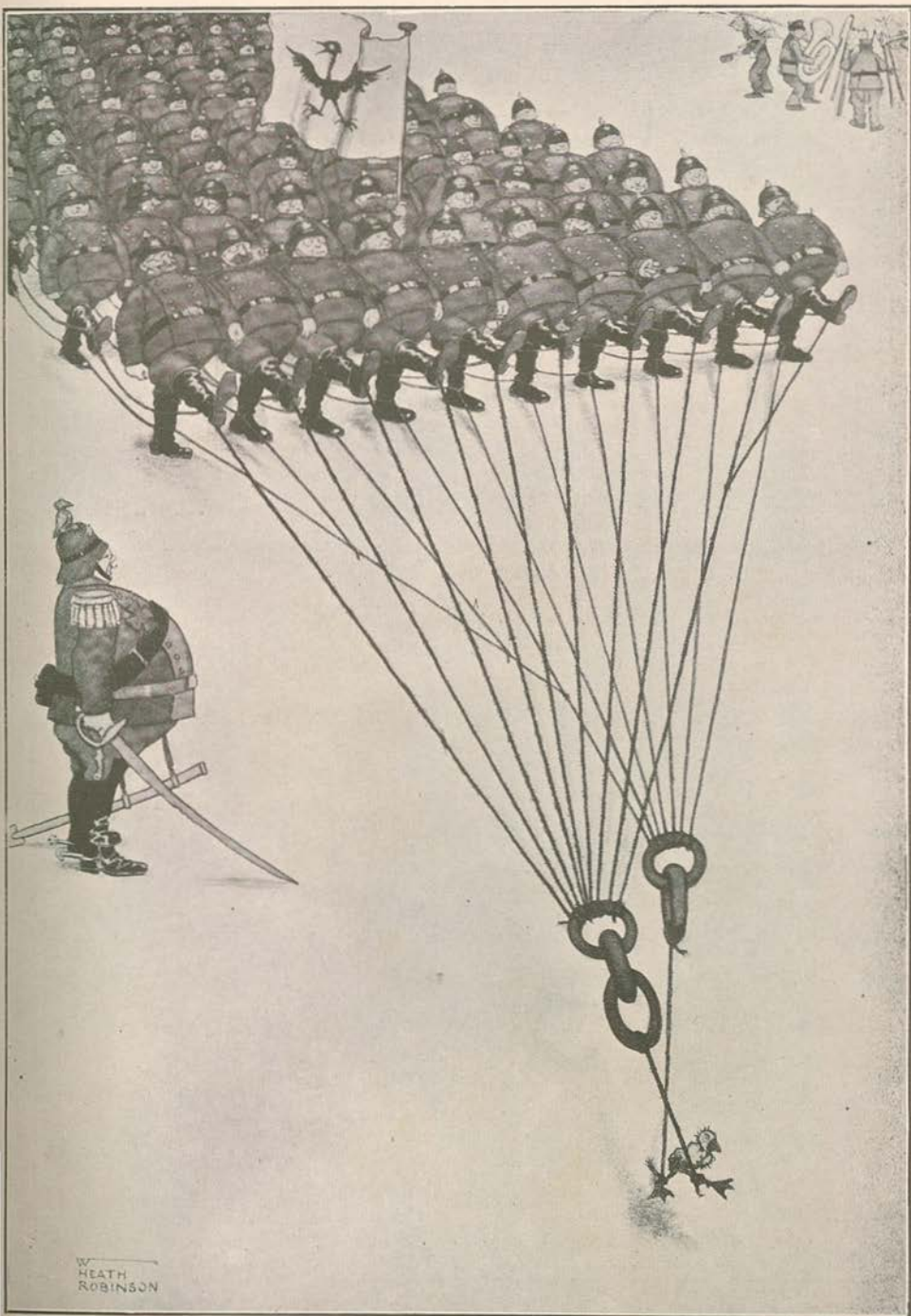
Em Flandres: Tropas francezas e belgas em marcha para a primeira linha.—(Da The Sphere).

OS ARTISTAS E A GUERRA
KULTURA

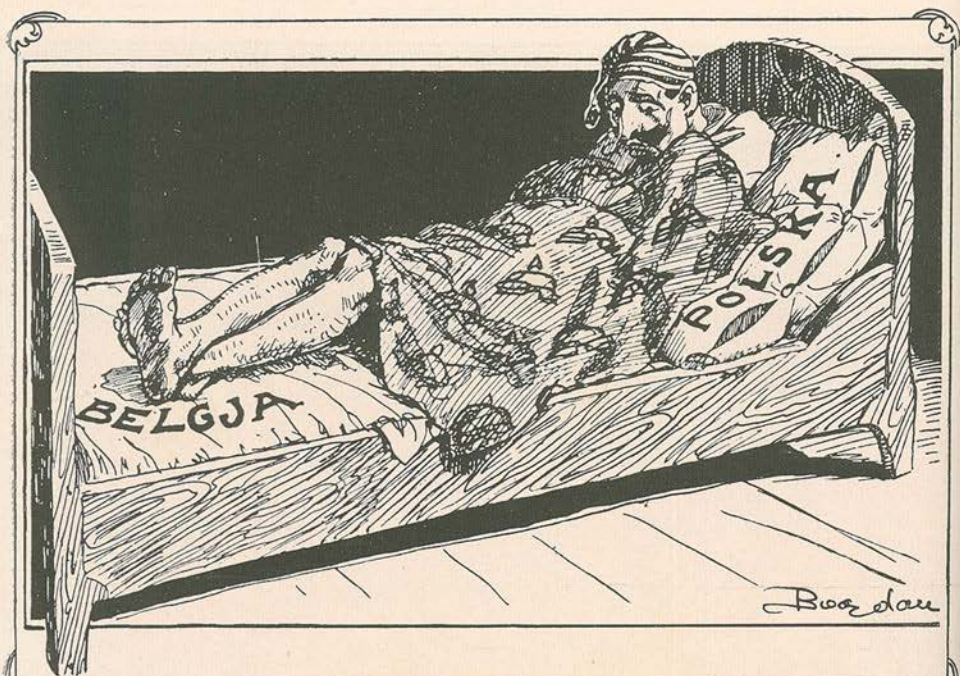


O novo carro de campanha do kaiser no momento em que ele toma o seu banho da manhã

(Do The Sketch)



W.
HEATH
ROBINSON



Aproposito da contradanza das tropas alemãs:
 O KAISER. — Para acudir ao frio dos pés descubro o pescoço e vice-versa. Dou em doido para fazer chegar a tudo este imundo e maldito cobertor.
 (Da MUCHA).



«Vim, vi... e estou nas aguas de Vichy». (As celebres palavras—Veni, vidi et vinci—de Jullo Cesar parodiadas por Guilherme II).—(Da L'EUROPE ANTI-PRUSSIENE).



A gran-duquesa Olga, filha do czar, com o seu uniforme de coronel do regimento de hussars de Isabel.



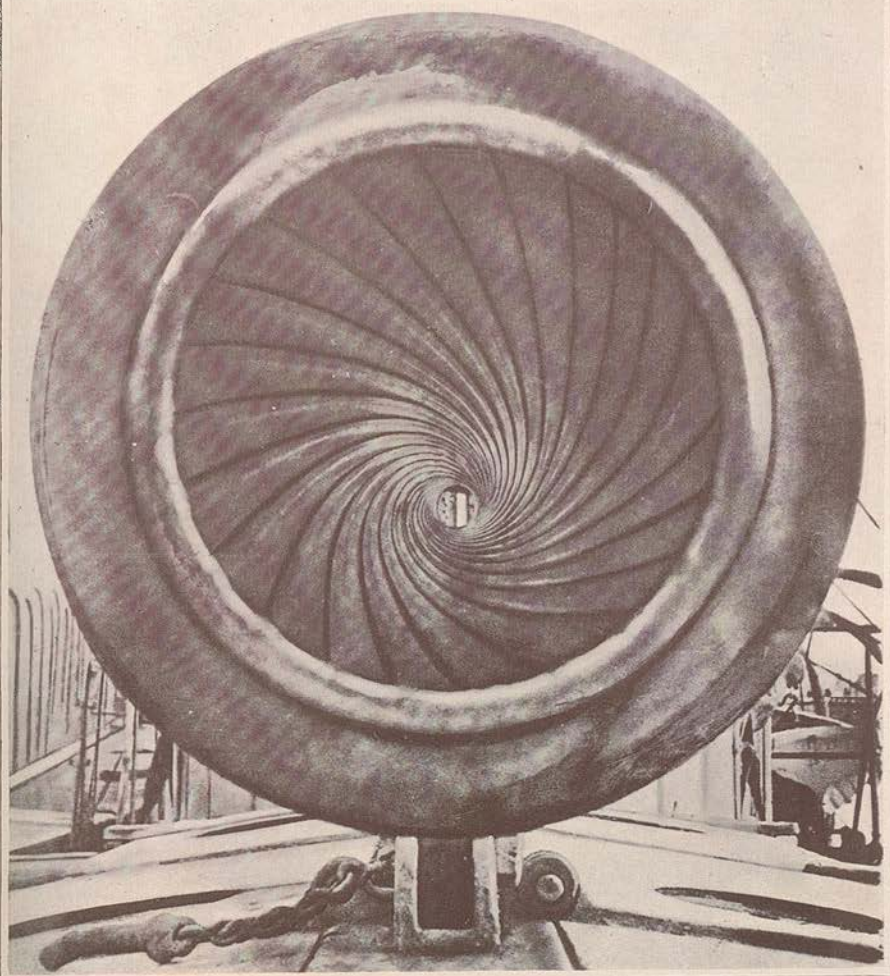
A imperatriz da Russia no seu traje de coronel em chefe de lanceiros da guarda.



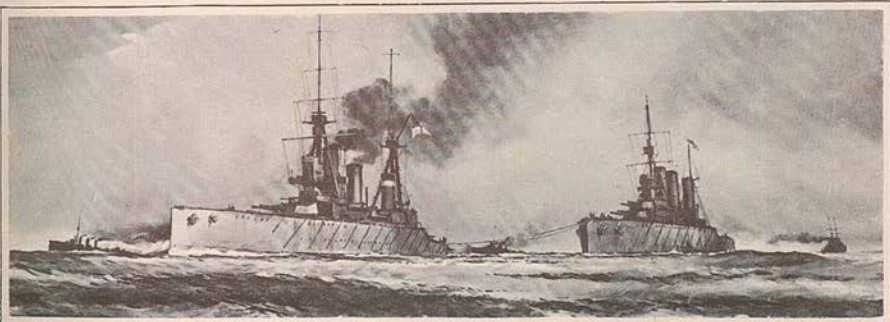
A gran-duquesa Tatiana, filha do czar, com o seu uniforme de coronel em chefe do 8.º regimento de uhlans de Vosnessensk.



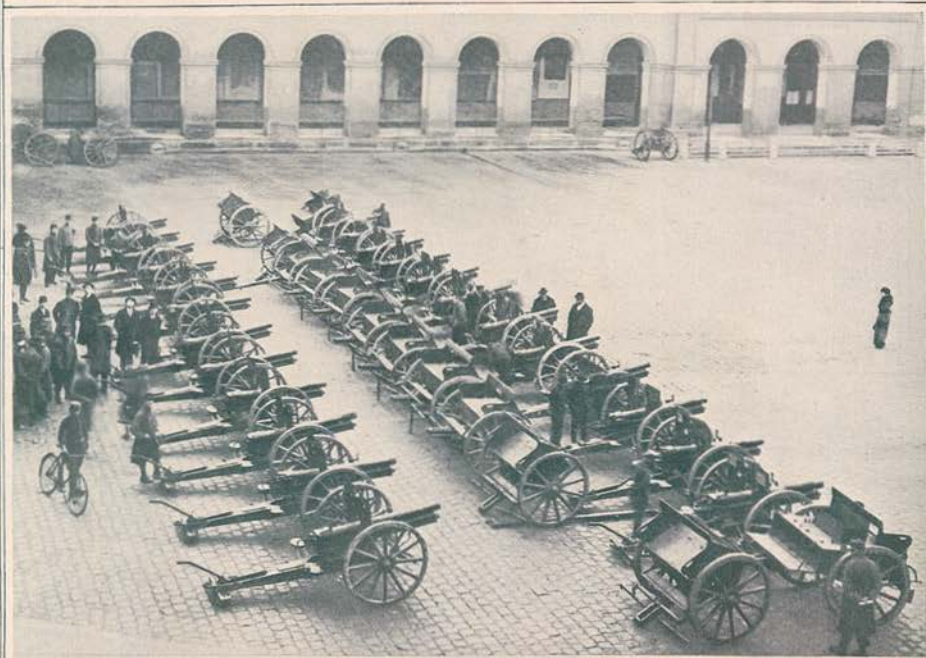
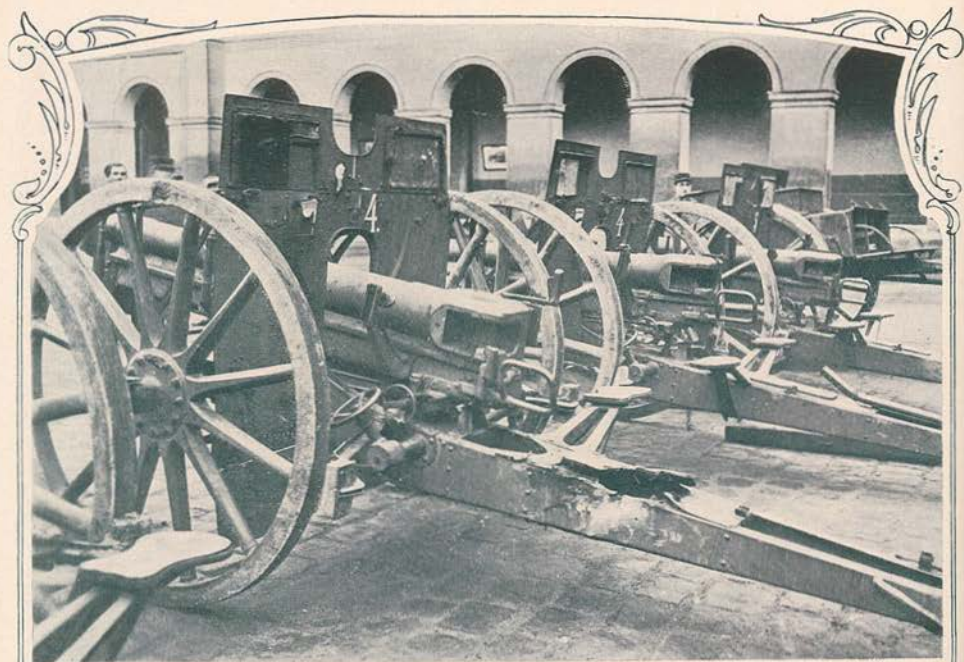
Lady Beatty, esposa do almirante inglês David Beatty, vencedor do recente encontro entre alguns navios das esquadras inglesa e alemã no Mar do Norte, e seus filhos



A alma de um canhão de 14 polegadas do couraçado inglês Lion, que meteu no fundo o couraçado alemão Blucher



O cruzador inglês Indomitable levando a reboque o cruzador Lion, depois da celebre batalha do Mar do Norte. (Da Saphere).



Nos Invalidos, em Paris: Canhão alemão em que se vê os estragos produzidos por um obuz francês
A exposição dos canhões tomados aos alemães.

(«Clichés» M. Branger)

"Bomfim Beneficente", do Porto



A *Bomfim Beneficente* é uma utilíssima instituição de beneficência infantil, instalada na freguezia do Bomfim, da cidade do Porto. A sua divisa é *fazer bem sem olhar a quem*, arrestando do seu gremio qualquer ideal politico ou religioso. Ali todas as creanças são contempladas apresentando-se apenas com o titulo—pobreza. E assim tem



conseguido as sympathias de toda a cidade e cumprido a sua missão, não só fornecendo banhos de mar ás creanças que d'elles necessitavam, mas distribuindo fatos a todas as que se apresentavam andrajosas.

A sua direção torna-se digna de todos os respetos pela sua ação beneficente e altruista.



1. Grupo de rapazes que aproveitaram os banhos fornecidos pela benemerita instituição de Beneficência Infantil da cidade do Porto—2. A direção da «Bomfim Beneficente»: 1. Sr. Antonio Ferreira Flandor, presidente; 2. Sr. Antonio Tavares da Fonseca, vice-presidente; 3. Sr. Albino José Ferreira da Silva, tesoureiro; 4. Sr. Julio Gabriel Ferreira, 1.º secretario; 5. Sr. João Baptista de Sousa Andrade, 2.º secretario; 6. Sr. João José de Carvalho Lima, diretor; 7. Sr. José Alves Leite, diretor; 8. Sr. Serafim Ferreira Valente, diretor; 9. Sr. Domingos Baião, escriptorario—3. Grupo de raparigas pobres que também aproveitaram os banhos fornecidos pela benemerita instituição

FIGURAS E FACTOS



No Palacio de Cattete no Rio de Janeiro, no dia de Ano Novo.

No Brazil.— No palacio de Cattete, no Rio de Janeiro, houve no dia 1.º do ano a costumada recepção do sr. presidente da Republica, à que concorreu, como é do estilo, o corpo diplomatico ali acreditado e as mais gradas pessoas de representação nacional. A fotografia que reproduzimos, representa: No primeiro plano, os embaixadores de Portugal, Estados Unidos e o Nuncio; no segundo plano, os secretarios da legação de Portugal aos lados do auditor da Nunciatura monsenhor Gasparri, sobrinho do secretario de Estado do Vaticano.



Os alunos do «Instituto Superior Tecnico» visitando o SEGULO

(«Glich» Benoliel).

Os alunos dos «Instituto Superior Tecnico», acompanhados do seu professor o sr. Charles Lepierre, (2) visitaram as oficinas do SEGULO, onde foram recebidos pelo respectivo inspector, sr. João Pereira da Rosa, (1) que lhes explicou o funcionamento de todos os maquinismos e mandou imprimir alguns exemplares, nas novas máquinas, que lhes ofereceu.



A fachada e o interior da «Casa Fonseca & Fonseca» que reabriu ha dias inteiramente transformada, vendo-se nos medalhões os seus proprietarios srs. Virgilio da Fonseca e Bernardino Rodrigues da Fonseca.



1. O sr. Carlos da Luz Alcanlara Lopes de Sequeira, comerciante, falecido em Lisboa.—2. O sr. Eduardo José dos Santos, que faleceu na idade de 80 anos em Lisboa, onde era antigo comerciante.—3. O sr. Francisco Cláudio de Abreu, funcionário publico aposentado, que faleceu em Lisboa, tendo 76 anos.—4. O sr. José Maria dos Santos Por-

ugal, falecido em Gavião.—5. O sr. Ricardo da Costa, o conhecido ourives da rua da Prata, onde estava estabelecido ha quarenta annos, que ha pouco faleceu em Lisboa.—6. O sr. Luiz Alves da Silva, preparador de fisica no Lyceu Pedro Nunes, de Lisboa, falecido ha dias. Era paé do sr. A. L. da Silva, empregado no «Seculo».



7. O sr. Eugenio Ladislau da Silva Oliveira, funcionario publico, falecido em Lisboa.—8. O sr. Francisco Antonio Plamengo, distinto pintor decorador em Setúbal, onde faleceu.—9. O sr. José Joaquim Gomes de Castro, conde de Castro, falecido recentemente em Lisboa. Foi paé do reino no antigo regimen e capitão de artilharia, de que pediu a sua demissão quando da implantação da Republica. Assentou praça em 1886 e contava 48 annos de idade. Tinha a condeco-

ração de comportamento exemplar.—10. O sr. Paulo de Oliveira Andrade, distinto estudante da faculdade de Leiras na Universidade de Coimbra, onde faleceu recentemente, realisando-se o funeral no Flandão, para onde o feretro foi conduzido.—11. O sr. Leandro de Souza Pereira (Irlão), tenente-coronel do corpo de officiaes do secretariado militar, falecido em Alcazar do Sal.

Atoz João Gil. — Inesperadamente, tendo ainda representado na vespereira na peça «O Feijão Frade», em cena em S. Carlos, faleceu o velho atoz João Gil, contando 72 annos de idade. Foi um artista muito consciencioso, tendo na sua longa carreira creado personagens em que muito se distinguiu. Representou em todos os principaes theatros em Lisboa e Porto e percorreu algumas provincias do Brazil, tendo obtido nas suas «tournées» os mais francos applausos e conquistado muitas sympathias.



O atoz João Gil

O atoz João Gil, filho do atoz Antonio Silva Gil, entrou para o teatro muito novo, estreando-se no antigo Principe Real em um filho de «D. Inez de Castro».

Deixa muitas saudades em todos os seus colegas, os quaes lhe tributavam especial afeição pela seriedade do seu caracter. Ao seu funeral concorreram muitos artistas dramaticos e escriptores theatraes e fizeram-se representar todas as emprezas dos theatros de Lisboa.



O sr. Antonio de Oliveira.

«Paz Bemdita». — O sr. Antonio d'Oliveira, um bom patriota e poeta, publicou uma peça-poema sobre episodios da guerra actual, que se representou em Bragança, n'uma recita em beneficio da Cruz Vermelha. A peça agradou e o seu atoz foi muito ovacionado pelo seu trabalho.



O sr. Moça Cabral.

Mota Cabral. — O distinto poeta do *Livro de Sonhos*, sr. Mota Cabral, tem em preparação outro livro de versos intitulado *Poentestas de Ideal*, que muito brevemente deweser publicado. O seu primeiro livro foi bem acolhido pela critica, o que se espera succeda com o segundo.



O casamento do sr. João Vicente Sampaio, gravador da officina de fotografavra da «Ilustração Portugueza», com a sr.ª D. Ester Gil Duarte, filha do sr. Constantino Gil, commerciante e da sr.ª D. Emilia Gil e de quem foram padrinhos a sr.ª D. Emma Malheiros da Veiga Ferrão e os sr.ªs José Veiga Ferrão, commerciante, José Fernandes, fotografo, e Braz Roberto da Silva, commerciante, assistindo ao ato ainda outras pessoas das relações dos noivos. — (Clichs: Henotiel).



Ator Joaquim Costa
Interprete do *Amor á antiga*

TEATROS

TEATRO NACIONAL: "*Amôr á antiga*"



Atriz Albertina de Oliveira
Interprete do *Amor á antiga*

Foi o *Amôr á antiga* a peça que consagrou definitivamente Augusto de Castro como escritor teatral; n'aqueles 4 atos d'uma cuidadosa observação, d'um fortissimo desenho de caracteres, de uma simplicidade de processos eminentemente artistica, ele firmou logo o nome que, de então por diante, tem sabido conservar com o mesmo prestigio, n'um *meio* onde os desequilibrios são frequentes.

E agora, na *reprise* a que assistimos na noite de 11 no teatro Nacional, como na estreia do *Amôr á antiga*, sentiuse que a impressão primeira não fôra o entusiasmo de momento animar um *novo*; fôra um movimento consciente, de justiça, perante uma obra que fica na cena portugueza, bem nossa, com personagens nacionaes,



Dr. Augusto de Castro

não devendo coisa alguma á inspiração exotica.

Os aplausos de hoje fôrão tão vibrantes e espontaneos como os que receberam o trabalho de Augusto de Castro na primitiva; e, justo é dizer-se, dirigiram-se não só ao autor, mas a todos os interpretes, alguns dos quaes nunca tinham entrado na peça, como Lucinda do Carmo, que foi a grande atriz de sempre, no papel da *Morgada*, Albertina de Oliveira, que está revelando belas qualidades nas *ingenuas*, e Henrique de Albuquerque que, tendo de lutar com um confronto formidavel, galhardamente se saiu da empresa.

Nas ovações de todos os finaes de ato foi especialmente visado Augusto Melo, que realisou a sua festa artistica com a primorosa comedia.

A. DE P.



Atriz Lucinda do Carmo



Ator Augusto de Melo
Interpretes do *Amor á an'tga*



Ator Inacio Peixoto

(Desenhos de H. Collomb)

